



**REIS,  
ARISTOCRATAS  
E BURGUESES**

O mundo das cartas privadas  
(Portugal, Séculos XVII-XX)

Isabel Drumond Braga

Paulo Drumond Braga

(COORDENAÇÃO)



Edições Colibri

# Afetos, saudade, queixumes e quotidiano: cartas familiares de Manuel Teixeira Gomes (1913-1929)

Maria da Graça A. Mateus Ventura

Centro de História-ULisboa e Instituto de Cultura Ibero-Atlântica

ORCID: 0000-0001-9577-3038

## A escrita de si

A obra de Manuel Teixeira Gomes é essencialmente constituída por cartas que nos reenviam para o autor, não pelos sinais implícitos, mas pelo carácter assumidamente confessional. As suas cartas constituem, por isso, um rico material para a compreensão do universo literário do autor<sup>1</sup>. A escrita privada com os seus familiares permite-nos não somente desvendar relações íntimas, relações amorosas e conflituosas, mas também penetrar no quotidiano e, assim, conhecer uma outra dimensão da sua própria vida.

Sobre o valor intrínseco da palavra escrita já Barrio Angulo, no século XVII, considerava as cartas reveladoras do estado da alma o que exigia uma pré-elaboração racional:

“Las palabras son vestido de los conceptos, y las cartas declaran más el natural de una persona y nos hazen, que como se [h]a el cuerpo, respeto del alma se aya el lenguaje respeto de los conceptos, que en mayor cuydado nos pone el escribir que el hablar pues, como vemos con el fuego, hablamos con el ayre, y escribimos con tres materiales, ocupando todos los sentidos, y hazien-

---

<sup>1</sup> Lygia Barbachan de Albuquerque Schmitz, “Cartas de Graciliano Ramos: uma epistolografia do corpo”, *Revista Entrelaces*, vol. 1, n.º 16, 2019, p. 88.

do reparos las palabras en el alma, corazón, y lengua, y salen rumiadas, y digeridas del entendimiento y consideración, antes que la lengua las articule y forme, ni la mano las escriba”<sup>2</sup>.

Também Maria Zambrano, em *A Metáfora do Coração*<sup>3</sup>, salienta que a palavra escrita se opõe à efemeridade da fala porque permanece e, como tal, compromete. A escrita epistolar revela a verdadeira condição das pessoas, ou seja, como defende Barrio Angulo, constitui uma forma de representação no espaço e no tempo, corporizando a simbiose entre o oral, o visual e o escrito.

Este ensaio, sem defender um *biografismo* absoluto, penetra no domínio dos afetos no âmbito da família nuclear através de um conjunto epistolar revelador de uma faceta privada, pouco abonatória, do escritor e político. A sua escrita literária egocêntrica exclui a família, o que explicará algum incómodo por parte dos seus netos em abordar a sua personalidade. Não sendo a meta-literatura a nossa especialidade, não pretendemos desconstruir os métodos analíticos e interpretativos glorificados pelos estudos literários do século XX. Tão só devolver a importância da vida do autor não plasmada na sua obra. Como se um demónio entrasse pelo telhado da casa de Manuel Teixeira Gomes e vasculhasse a sua secretária em busca de indícios reveladores de uma relação familiar conturbada marcada pela ausência e pela saudade.

A escrivadinha e as malas onde guardava os *aide-mémoires* e as cartas já não existem, mas grande parte do espólio epistolográfico e outros documentos pessoais foi depositado na Biblioteca Nacional de Portugal, na secção de Reservados. Ao abrir cada caixa, tocar as cartas manuscritas e lê-las em busca de um mundo secreto revelador de uma vida privada confinada à esfera familiar, sentimo-nos intrusos. A Fundação Mário Soares, também depositária de parte do seu espólio, disponibiliza, em linha, um conjunto de 1361 documentos epistolográficos, entre 1902 e 1922. Ora, por via digital, dispomos de acesso livre a

---

<sup>2</sup> G. Pérez del Barrio Angulo, *Secretario de señores y las materias, cuidados y obligaciones que le tocan, estilo y exercicio dél con seiscientas y setenta cartas curiosas para todos los estados, villetes entre amigos, y otras cosas sustanciales que las primeras hojas declaran*, Madrid, 1622, fol. 2v. *Apud* Fernando Bouza, “Introducción. Escritura en cartas”, *Cuadernos de Historia Moderna*, 2006, p. 10.

<sup>3</sup> Maria Zambrano, *A Metáfora do Coração*, Lisboa: Assírio & Alvim, 1993.

informações que complementam as do fundo Manuel Teixeira Gomes da Biblioteca Nacional de Portugal, E46, o que nos atenua o sentimento de culpa pela intrusão. Todavia, a devassa do espaço íntimo dos afetos e dos comportamentos justifica-se, aqui, como um instrumento necessário ao conhecimento de aspetos de uma vida privada significativa de uma época e de uma realidade complexas que envolve personagens de estratos sociais diferentes e ligações amorosas não convencionais.

Não se trata, pois, ao penetrar neste universo pessoal, propriamente de um mero exercício de reconstrução imaginativa, mas de escovar a história a contrapelo a partir de uma hermenêutica da palavra escrita e do subentendido. Veremos, adiante, como se poderá tecer um tapete de emoções e vislumbrar o quotidiano de um mundo feminino marcado pela figura tutelar do ausente Manuel Teixeira Gomes.

### **Manuel Teixeira Gomes, a arte da fuga**

Manuel Teixeira Gomes nasceu em 27 de Maio de 1860, em Portimão, pequena, mas dinâmica vila, ligada por via marítima ao Mediterrâneo e ao Norte da Europa<sup>4</sup>. Pertencendo a uma família cosmopolita, liberal e republicana, em sua casa as ligações à cultura francesa e inglesa marcaram a educação do jovem. A sua família pertencia à elite local. Seu avô materno, Francisco Manuel Teixeira de Seixas Braga, integrara a Legião Lusitana nas campanhas napoleónicas, enquanto seu tio materno, João José Teixeira de Seixas Braga, se exilara em Plymouth donde regressou para apoiar D. Pedro na luta contra os absolutistas. Seu pai, José Libânio Gomes, era comerciante de frutos secos. A qualidade dos seus produtos valeu-lhe uma medalha na Exposição Internacional de Londres de 1851, outra na Exposição Internacional de Paris de 1855, vindo a integrar a Comissão da secção Portuguesa à Exposição Universal de Antuérpia em 1894. Entretanto, já criara, em 1891, uma Parceria para a Exportação de Figos do Algarve com outros comerciantes locais. A sua dinâmica comercial facilitou as suas relações pessoais e

---

<sup>4</sup> Sobre a sua biografia ver Maria da Graça A. Mateus Ventura (coord.), *Manuel Teixeira Gomes, Ofício de viver*, Lisboa: Edições Tinta-da-China, 2010; José Alberto Quaresma, *Biografia: Manuel Teixeira Gomes, Boémio, negociante, melómano, viajante, escritor, diplomata, Presidente da República*, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Museu da Presidência da República, 2016.

políticas. Na Bélgica e no Norte de França dispunha de uma rede de contactos fundamentais para o desenvolvimento da sua atividade exportadora e para a sociabilidade do seu filho primogénito, gestor futuro dos seus negócios. com ligações a Rouen, Antuérpia, Amesterdão e Londres.



Figura 1 – Casa onde nasceu Manuel Teixeira Gomes em 1860.  
Fotografia de Paulo Arez, 2010.

Fez a instrução primária num colégio privado em Portimão e, como os rapazes ricos do seu tempo, continuou os estudos no seminário de Coimbra. Matriculou-se no curso de Medicina, mas logo desistiu. Não quis ser médico, preferia a boémia literária. Antes de assumir funções

políticas a pedido dos seus correligionários republicanos, já se iniciara como escritor, atividade que só retomou no exílio.

Homem viajado, culto, sedutor, hedonista, apaixonava-se com muita facilidade por raparigas jovens, aristocratas ou do povo. Não importando a classe social, mas a atração física pela ingenuidade e beleza femininas. Aos 41 anos de idade encantou-se com uma das numerosas raparigas de um dos fumeiros da família, Belmira das Neves, apenas com 15 anos. O pai era pescador em Alvor, a mãe, governanta. Estávamos em 1901, os jogos de sedução entre patrão e empregada culminaram numa relação íntima, apoiada pelos pais da jovem por razões óbvias e repudiada pelos pais do sedutor bastante endinheirado. Contrariando a proibição paterna, Manuel montou casa na vila, numa rua central, perto da residência de seus pais e dos fumeiros. Ensinou-lhe «as primeiras letras», como ele escreveria no romance *Maria Adelaide*. O ninho de amor era uma casa ampla onde viriam a nascer as suas filhas.



Figuras 2 e 3 – Manuel Teixeira Gomes (fotografia de Frank Athur Swaine, 1911) e Belmira das Neves (fotógrafo não identificado). MPR.

Manuel Teixeira Gomes nunca formalizou a relação com Belmira talvez por recear que o matrimónio restringisse a sua liberdade e comprometesse o seu património. Seu pai, José Libânio Gomes, morreu quatro anos depois do amancebamento e logo Manuel foi a Lisboa passear-se com Belmira, já com 18 anos. A casa onde Manuel nasceu, com janelas para o rio Arade, era rica, mas ele foi deserdado pelo que nem às pratas nem aos livros teve direito. Na casa da Rua Direita, onde foi viver com Belmira, não desfrutava do mesmo conforto. Contudo, viviam felizes, ao que parece. Ele, homem maduro, acompanhado de uma jovem bonita e ingénua, sentia-se revigorado na capital. Em 1906, nasceu a primeira filha, Ana Rosa, quatro anos mais tarde, no ano da revolução republicana, a segunda, Maria Manuela. Entretanto, morreu-lhe a mãe que o deserdou.

Após alguns anos de vivência conjugal, pai de duas meninas, Manuel foi convidado pelo chefe do governo provisório, Teófilo Braga, para representar o país em Londres, como ministro plenipotenciário. Deixando a companheira e as filhas em Portimão, assumiu o cargo em Abril de 1911, o que mudou radicalmente a sua vida e a sua relação familiar. Em Londres, vivia bem, comprou muitas obras de arte, colecionou caixinhas, frascos, tabaqueiras e vestia-se com muita elegância.

Até à sua eleição para a Presidência da República, em 1923, a sua presença em Portimão foi episódica o que deu lugar a uma correspondência com Belmira marcada pelos queixumes da jovem que se sentia abandonada. Durante os dois anos da presidência a situação não melhorou, talvez por isso, quando resignou ao cargo e embarcou no cargueiro *Zeus*, não se tenha despedido da família. Os afetos estavam por um fio que foi definhando com o tempo, longo de mais para Belmira e para as filhas inconformadas com a ausência do pai.

Manuel saiu de Portugal em 17 de Dezembro de 1925 com destino a Orão, na atual Argélia. Deixou uma casa na Gibalta, mais tarde vendida, recheada de objetos valiosos que mandou oferecer aos museus de Galveias e de Arte Antiga. Tinha 65 anos. A sua companheira 39, Ana Rosa já tinha 22, Maria Manuela contava 15 anos. O ex-presidente viajou pelo Mediterrâneo, durante seis anos, por ambas as margens, ia a Paris e regressava invariavelmente a Tunes ou a Argel. Nunca a Portimão. Nas cidades onde permanecia algum tempo, por vezes, vários meses, alugava posta-restante. Tornou-se epistológrafo compulsivo.

Em 1931, quando o auto-exilado chegou a Bougie, atual Béjaïa, na Argélia, já tinha um neto, filho de Manuela, José Manuel. Ana Rosa teve a sua única filha, Manuela, dois anos antes do pai falecer no Hotel de l' Étoile, em Bougie, aos 81 anos de idade, quase cego, com problemas respiratórios e cardíacos. A sua vida quotidiana, nos últimos anos de vida, era ritmada pelas idas ao correio, à pastelaria La Corbeille Fleurie, refeições no hotel, uma taça de champanhe, um charuto argelino, a escrita e a leitura dos livros e artigos enviados pelos amigos portugueses. Ana Rosa, acompanhada do marido e do jornalista Norberto Lopes, foi a Bougie buscar os restos mortais do pai em 1950 para o acomodar definitivamente na sua terra natal.

### **Uma relação amorosa conturbada: do enamoramento ao estranhamento**

Começamos pelos cadernos de notas de Manuel Teixeira Gomes publicados postumamente em 1942 no livro *Londres maravilhosa*<sup>5</sup>. Sabemos que guardava consigo os *aide-mémoires*, alguns dos quais foram recuperados após a sua morte. Teriam uma função rememorativa (para ler, reler e meditar) ou limitavam-se a simples registos diários sem qualquer intenção de subjetivação do discurso? Em todo o caso, em carta a Afonso Lopes Vieira, datada de 14 de Abril de 1910, esclareceu o carácter utilitário de algumas notas: “Supero a minha abominável memória com lançamentos numa agenda, onde busco a miúdo quais sejam as mais instantes obrigações a cumprir”<sup>6</sup>.

As notas referentes ao ano de 1905<sup>7</sup> permitem-nos perceber a intensidade da relação amorosa entre Manuel e Belmira. Como já referimos, um mês após a morte de seu pai, Manuel levou a companheira a Lisboa onde tinha muitos amigos e quis apresentar-lhes a jovem B. (foi desta forma que registou o seu nome no caderno). No dia 22 de Abril, almo-

---

<sup>5</sup> Manuel Teixeira Gomes, *Londres Maravilhosa*, Lisboa: Portugália Editora, 1960 [1942], pp. 83-141.

<sup>6</sup> Urbano Tavares Rodrigues; Vitor Wladimiro Ferreira (Apresentação), *O Cristal da palavra: Cartas inéditas de M. Teixeira Gomes a Afonso Lopes Vieira*, Lisboa, Portimão: Edições Colibri/ Câmara Municipal de Portimão, 1999, p. 53.

<sup>7</sup> *Londres maravilhosa...*, pp. 83-108.

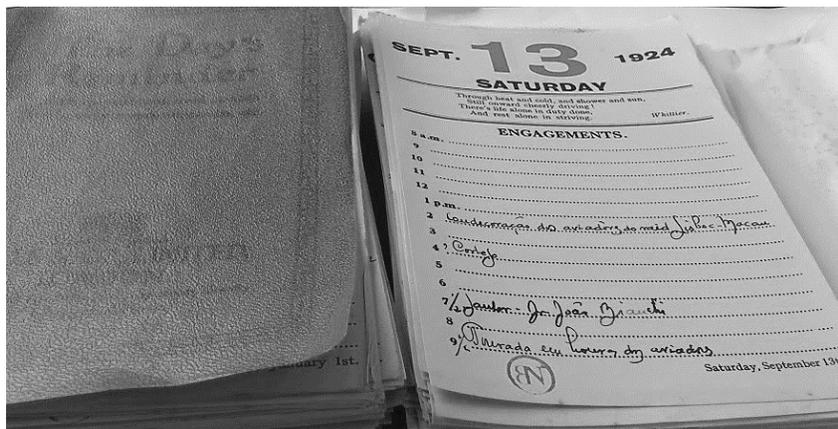


Figura 4 – Agenda de Manuel Teixeira Gomes «The days remember», 1924, BNP, E 46.

çou com ela e foram visitar os Jerónimos. Jantaram no Tavares e ainda passaram pela livraria onde estiveram à conversa com Carlos Malheiro Dias. Foram para casa às dez e meia. No dia seguinte, “dia lindo”, foram à Sé, à igreja da Estrela, passearam pelo jardim onde se sentaram a ouvir música e a observar os cisnes. Desceram a Calçada da Glória e a B. acabou por jantar sozinha no Largo dos Caminhos de Ferro enquanto M. foi com o Fialho de Almeida à Cervejaria Leão. No dia 24, levou a B. a casa da tia para que ele pudesse desfrutar do convívio com os literatos seus amigos antes de jantar no Tavares com a companheira. Ainda passearam na Avenida e foram à Trindade. No dia 25, jantou com B. e levou-a a casa antes de ir com o Henrique Vasconcelos ao Grémio Literário onde ficou até à meia-noite. Nos dias seguintes, assistiram à procissão da Saúde no Rossio, foram a Benfica, ao Lumiar, ao Palácio das Galveias no Campo Pequeno. No Campo Grande demoraram várias horas «com um dia lindo, passeando no parque e descansando no “chalet das canas” onde a B. admirou as roseiras floridas. Foram ao jardim de São Pedro de Alcântara, ao Museu de São Roque, visitaram o aquário de Algés, do Dafundo foram a Cascais. Em Maio, foram ao Teatro D. Amélia ver a zarzuela. No dia 6, “dia lindo”, desceram a rua do Alecrim, “alegremente porque dormimos muito bem”, e foram ao Museu da Artilharia que impressionou muito a B. (“tanta arma! Fazia-lhe pena”). No dia seguinte, foram a Sintra onde tomaram o elétrico para a Praia das Maças, no regresso subiram a

Monserrate “por um caminho serpentino”, passearam no parque até Seteais. Apanharam o trem às cinco e meia para Portimão onde chegaram no dia seguinte.

Não parece ter regressado a Lisboa com Belmira, mas esta foi uma viagem de enamoramento. No ano seguinte, nasceu Ana Rosa, filha muito amada. No ano em que faleceu sua mãe, em 1908, Teixeira Gomes foi a Pamplona assistir às festas de San Firmino sozinho. Até à sua nomeação para Londres, viveu em Portimão uma relação familiar feliz, gerindo os negócios e escrevendo. Com a revolução republicana, a lonjura, os afazeres diplomáticos bastante complexos e as solicitações sociais acarretaram um afastamento progressivo da companheira, exceto a contínua atenção às filhas sempre presente na correspondência com os amigos.

Da relação epistolar entre Manuel e Belmira, apenas nos chegaram as cartas desta para o seu “amigo”, quase sempre ausente desde que fora nomeado ministro plenipotenciário em Londres, em Março de 1911. A correspondência com as filhas Ana Rosa e Manuela, com seu irmão José e com seu sobrinho António foi regular. Durante o exílio no Magrebe apenas conhecemos correspondência regular com as filhas e o sobrinho António. Neste caso, dispomos de algumas cartas de Manuel e de uma amostra significativa de cartas da filha Ana Rosa.

Segundo Michel Foucault<sup>8</sup>, a escrita de si atenua os perigos da solidão e o facto de alguém se obrigar a escrever cartas ou cadernos de notas denuncia a necessidade de interlocutor, assumindo-se a escrita como companheiro. Foi o caso de Manuel Teixeira Gomes, exilado do seu país, dos amigos e da família, durante 15 anos, mas também da sua companheira Belmira cujas cartas são, em geral pungentes, traduzindo um estado de grande carência afetiva que a levou a adoecer de melancolia.

Selecionámos as missivas mais reveladoras do estado de Belmira das Neves entre 1913 e 1921 e outras do Dr. Ernesto Cabrita, médico da família, que a ela se referiam. Belmira sabia escrever, tinha uma caligrafia legível apenas com alguns erros ortográficos. Estando o “amigo” em Londres, nos primeiros anos, corresponderam-se regular e frequentemente. Em 1913, no mês de Novembro, Belmira enviou-lhe duas cartas onde descreveu o seu estado de saúde e reclamava da pouca atenção

---

<sup>8</sup> Michel Foucault, *O que é o autor?*, Lisboa: Vega, 1992, p. 130.

dada às suas cartas pelo destinatário. Estas respondiam a outras duas que Manuel lhe remetera de Londres, poucos dias antes, cujo conteúdo desconhecemos. Será que as cartas enviadas atuaram tanto sobre quem as escreveu como – por um eventual exercício de leitura e releitura – sobre quem as recebeu? Cremos que no caso destes correspondentes, Belmira foi sempre a vítima, a que sofreu ao escrever e ao ler as cartas que recebia. A confissão da sua infelicidade fê-la mais infeliz, a sua insegurança contrastava com a firmeza e a autoridade masculinas.

A forma de tratamento era quase sempre “Meu querido amiguinho” ou “meu querido amigo”. Na carta de 16 de novembro de 1913, Belmira estava claramente apressada porque queria que a carta seguisse nesse dia. Queixou-se que o amigo não prestava atenção ao que ela dizia, por exemplo a morte da «amiga» do Pires da Alfândega, apenas com 27 anos, mas tal não a surpreendia. Terminou com uma nota sobre as filhas: “As nossas meninas ainda andam constipaditas, estou com medo não vão à cama. Recebe das nossas meninas muitos beijinhos e abraços muitos do teu coração, Belmira”<sup>9</sup>. Claro que Teixeira Gomes não tinha qualquer interesse nos *fait divers* da pacata vila de Portimão. Na carta que Belmira escreveu dois dias depois<sup>10</sup> mencionava a receção de duas outras do amigo que, de facto, parecia empenhado em manter contacto permanente com ela e pretendia obter notícias da produção agrícola. Nesta carta Belmira queixava-se de muitas dores de cabeça, tema que iria sendo recorrente e objeto de comentário pelo Dr. Ernesto Cabrita, médico da família, como veremos adiante:

“Meu querido amigo  
[...] Estou cada vez pior da minha cabeça, não á desgraça maior do que a minha com tantas dores de cabeça se vou outra vez á cama d’esta vez se não morrer mato-me, não posso de maneira nenhuma viver com isto”<sup>11</sup>.

---

<sup>9</sup> (1913), Sem Título, Fundação Mário Soares / DTE – Documentos Manuel Teixeira Gomes, Disponível HTTP: [http://hdl.handle.net/11002/fms\\_dc\\_81230](http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_81230) (2022-11-9).

<sup>10</sup> (1913), Sem Título, Fundação Mário Soares / DTE – Documentos Manuel Teixeira Gomes, Disponível HTTP: [http://hdl.handle.net/11002/fms\\_dc\\_81231](http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_81231) (2022-11-9)

<sup>11</sup> Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), Reservados, E46, Cx. 2.

Apesar do desconforto ainda refere alguns aspetos do quotidiano: choveu bastante, fazia muito frio, foi passear ao cais para logo regressar devido à dor de cabeça. Não sabia o que dar à mestra da Ana: “no tempo que ouve uns figos pretos mandava-lhe sempre, mas agora não á nada se não couves. Agora d’aqui mais uns dias mandarei laranjas”. Usava roupa desbotada, meias remendadas, sapatos gastos, dizia ela. A Ana Rosa, com sete anos, estudava em casa com uma mestra contratada para o efeito e, sendo o dinheiro escasso, seria conveniente mimá-la com alguma fruta.

Nesse ano, Manuel passara algum tempo em Portimão, em Abril e Maio, conforme contou a Afonso Lopes Vieira: “Estou no paraíso, como julga, entre as minhas filhas e a mãe que ainda amo”<sup>12</sup>. Dois meses depois, em 26 de julho de 1913, o Dr. Ernesto Cabrita escrevera a Manuel sobre a situação da “amiga”: “A comadre Belmira está ainda muito ressentida do abandono em que V. Exa a deixou. Mas vai se resignando com a esperança de que voltará no fim do anno. Já se vê: não pode admitir que V. sacrifique a sua saúde e a companhia de pessoas que estima para se conservar ahi”<sup>13</sup>. Manuel voltou a Portimão em 1914 e na carta que escreveu a Carlos Relvas expressava ainda o prazer que sentia no regresso a casa: “Tenho vivido aqui um mês precioso, apenas perturbado pela pergunta que amiúde faço a mim mesmo: não conviria ficar de vez? Mas parece que não convém e já se aproxima o dia de deixar isto tudo e voltar para o exílio”<sup>14</sup>.

Mas, após a eclosão da Primeira Grande Guerra, foi espaçando as visitas devido, decerto, ao frenesim da vida política londrina. Contudo, apesar do estado de abandono de Belmira, reconhecido por todos, Teixeira Gomes contava com o apoio de vários amigos da família, especialmente o Dr. Ernesto Cabrita e o Dr. Corte Real, que zelavam pela saúde da companheira e das crianças, enquanto outros geriam as propriedades (Joaquim Cercas) e os negócios (o irmão José).

---

<sup>12</sup> Urbano Tavares Rodrigues; Vitor Wladimiro Ferreira (Apresentação), *O Cristal da palavra...*, p. 96.

<sup>13</sup> (1913), Sem Título, Fundação Mário Soares / DTE – Documentos Manuel Teixeira Gomes, Disponível HTTP: [http://hdl.handle.net/11002/fms\\_dc\\_81863](http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_81863) (2022-11-10)

<sup>14</sup> Manuel Teixeira Gomes, *Correspondência. Cartas para políticos e diplomatas*, vol. 1, Lisboa: Portugália Editora, 1960, p. 170.

Se nos primeiros anos em Londres a correspondência entre ambos era quase diária, a partir de 1916 as cartas de Manuel e as suas visitas foram rareando e Belmira, desesperada, intensificava os queixumes. Enquanto o ministro plenipotenciário em Londres tinha uma agenda política e social bastante preenchida, Belmira estava consumida de solidão e da falta de generosidade do pai das suas filhas. No final do ano de 1916, escreveu uma carta muito intensa, em resposta à que recebera e cujo conteúdo desconhecemos:

“Portimão, 16 de Dezembro de 1916

Meu querido amigo

Hontem recebi a tua carta. Não respondi logo porque quis ver a que dava coisa tão insignificante. Mas o pior foi a tua carta. Eu já estou mais do que aborrecida de saber o que tu mandas, e toda a gente já estão fartos de saber a fartura que eu tenho. Afinal quase que não tenho vintém, mas ninguém se lembra que a minha maior fartura são lágrimas em pençar que não sou solteira nem casada nem viúva, portanto podes dar esta fartura a quem quiseses, talvez te faça falta para ajuda de alguns efeitos ou mesmo para ti para pareceres bem. Eu felizmente não preciso de parecer bem nem de comer, basta eu pençar que tudo quanto tenho e dá-lo com tantos aborrecimentos e há dias preciso não ler nada e ando sempre enrolada, que grande desgosto que tenho.

Eu entreguei [a]o Nobre 21.000 réis e ele deu-me a esmola do costume que muito te agradeço. O José Dalvo tem levado o azeite a 3.000 réis como eu já disse e o Nobre diz que o João Pedro dá a 3.600 que grande mentira, ora o João Pedro o ano passado não dava mais de 2.200 e o José Dalvo é que deu mais. Eu não tenho nem me importa nada com esses negócios, isto foi uma falta de comprienção ou então endoideci eu naquela ocasião, o certo é que eu de quando em quando hei-de fazer alguma asneira para não estar quieta ou então para apoquentar os outros, mas ficou-me de emenda.

Por uma coisa a mais natoral deste mundo, que grandes descomposturas que tu me dás lá de tempos a tempos, mas eu nunca me esquece de nada, cada vez tenho estas chagas mais vivas no meu coração e estão sempre a verter sangue. Tu vires a Lisboa e não vires a casa, mandares a minha filha para o colégio sem me mandares dizer nada, a grande descompostura faz um ano por

causa das férias da minha filha e não falando das grandes mentiras que me tens posto, mas com isto tudo só cria ser como todas as mulheres que só pensam em todos os gozos.

Agora tão cedo recibes carta minha, estimo que tenhas muita saúde e que sejas bem tratado de toda a tua sociedade.

Maria Manuela está boa. Belmira”<sup>15</sup>.

Pelo teor desta carta se deduz que Manuel Teixeira Gomes repreendeu Belmira várias vezes, não teve em conta as suas necessidades de bem-estar, aliás assunto cada vez mais recorrente nas suas missivas, e nunca a consultou sobre a educação das filhas, tema que trataremos mais adiante. Esta carta é um queixume vincado pela ironia que traduz a consciência que Belmira tinha do contraste da sua vida amargurada com a vida social refinada do “amigo” diplomata. É particularmente pungente a afirmação do seu estatuto “não sou solteira nem casada nem viúva” e do seu estado “cada vez tenho estas chagas mais vivas no meu coração e estão sempre a verter sangue”.

Ainda que Belmira possa ter exagerado, o facto de Teixeira Gomes vir a Lisboa e não aproveitar para passar algum tempo com ela já revela algum afastamento. De facto, a “sociedade” a que Belmira se referia incluía receções oficiais no Palácio de Buckingham, banquetes, bailes, saraus musicais em casa de duquesas e marquesas, almoços e jantares, sobretudo no Carlton, no Hotel Savoy e no Café Royal, com a duquesa de Sevilha (Marie-Louise de Bourbon y Parma), a marquesa de Beaumont (aristocrata francesa), madame Nevarte Gulbenkian (tinha 14 anos quando Calouste Sarkis Gulbenkian se apaixonou por ela), Lady Carvagh (Alice Florence), princesa Mary Eristoff (pintora georgiana), Rita Karminski (judia polaca), entre muitas outras. Como ele escreveu em *Londres Maravilhosa*, “Deus concedeu às mulheres de Londres o privilégio duns lindíssimos cabelos, fartos, todos feitos de delicados fios de fina seda ondeada, que, soltando-se, se adamascam de mordentes reflexos”<sup>16</sup>. Sedutor, diplomata estimado, tinha, de facto, uma corte de mulheres da alta sociedade que o convidavam para sua casa. Quem

---

<sup>15</sup> (1916), Sem Título, Fundação Mário Soares / DTE – Documentos Manuel Teixeira Gomes, Disponível HTTP: [http://hdl.handle.net/11002/fms\\_dc\\_81660](http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_81660) (2022-11-9)

<sup>16</sup> Manuel Teixeira Gomes, *Londres Maravilhosa...*, pp. 21-22.

seria a misteriosa mulher que, dois meses antes da carta de Belmira, lhe endereçou este bilhete?

“Claridge’s Hotel, Brook Street W.  
Veja se estas flores lhe fazem ficar bom depressa.  
Muitos carinhos da sua Pérola  
25-10-16”<sup>17</sup>.

Marina Pérola de Paraguaná era uma jovem carioca que viajara para Londres na companhia de sua amiga Sinhá, em 1915. Ambas se apaixonaram pelo diplomata português que parece ter desfrutado, com muito gozo, da companhia de ambas no Hotel Petograd<sup>18</sup>. Manuel preferia Pérola, a mais elegante, que o mimava com mensagens amorosas. Pérola ficou em Londres, no Claridge’s Hotel, pelo menos até o final de 1916.

A sua vida em Londres, apesar da guerra, foi intensa e mundana, como ele próprio veio a confessar, já no exílio, numa carta a João de Barros: “A minha vida em Londres foi de lucta ininterrupta, e mais divertida, infinitamente, do que nunca poderia ser a contemplativa. Não escrevia romances: vivia-os, e a miúdo com êxitos a que jamais me seria dado na literatura escrita”<sup>19</sup>. Não admira que Manuel Teixeira Gomes, não sendo casado nem solteiro nem viúvo, se tivesse enamorado muitas vezes. Belmira sabia-o ou suspeitava e esse ciúme seria, provavelmente, a causa das suas enxaquecas constantes e das «chagas» que sangravam no seu coração.

Em 26 de Julho de 1917, Belmira escreveu nova carta queixando-se que não tinha dinheiro, andava rota e as filhas também. Que já despedira a criada e a lavadeira e sentia-se muito infeliz e humilhada pelo desprezo do pai das suas filhas:

---

<sup>17</sup> (1916), Sem Título, Fundação Mário Soares / DTE – Documentos Manuel Teixeira Gomes, Disponível HTTP: [http://hdl.handle.net/11002/fms\\_dc\\_81096](http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_81096) (2022-11-10)

<sup>18</sup> José Alberto Quaresma, *Biografia: Manuel Teixeira Gomes...*, p. 193.

<sup>19</sup> Manuela Azevedo, (Seleção, prefácio e notas), *Cartas de M. Teixeira Gomes a João de Barros*, Portimão: Câmara Municipal de Portimão, 2010, p. 84.

“Portimão 26 de Julho de 1917

Hoje pencei em te escrever para saber da tua saúde já que tu não te lembras que em Portimão deixastes uma mulher com duas filhas que ainda não passou um só dia que não abraço pelo o pai das suas filhas que não tem sido nada bom para a sua mãe. Tiveste tu coragem Manuel de me mandares já á tempo uma carta daquela com tanta força mas Deus deu-me coragem que pouco a val me Deu, touda a gente mais ou menos sabe como eu vivo. Se eu te roubei algum azeite não foi para o meu luxo que não sai por não ter de vestir agora tenho os sapatos routos e as botas e não me sinto com dinheiro para as mandar consertar [...]. Tenho 30 anos estou na flor da vida e ver-me desprezada pelo homem que eu tanto amo o pai das minhas filhas, e um homem rico que tem para a mã das suas filhas não sofrer da maneira que está sofrendo. Mas eu digo, toda a criatura que tem a infeliz ideia de conhecer homens sem coração avia desejar mil vezes a morte, que mal faria eu para merecer tão grande castigo”<sup>20</sup>.

De facto, os tempos de enamoramento haviam-se dissipado. Belmira confessou que ainda o amava, mas com 30 anos e na flor da vida vivia num estado de infelicidade e penúria. Em 22 de agosto de 1917, voltou a escrever a pedir dinheiro para as despesas do dia a dia e a queixar-se do abandono a que o Manuel a votara, da vergonha e da humilhação. A sua angústia era de tal ordem que o afrontou energicamente: “Eu não avia de dizer isto, mas digo se vice um preto que me sustentasse a mim e as minhas filhas, mas que não maltratasse eu ia mas que não fosse velho, os velhos são muito maus e eu tenho um grande medo...”<sup>21</sup>. Manifestar preferência por um “preto”, nesta época, era sintomático do abandono a que fora votada. Em 1918, quando Manuel foi chamado a Lisboa por Sidónio Pais, dirigiu-se a Portimão, pela última vez, no mês de Novembro, em plena gripe pneumónica. O feitor das propriedades era Joaquim Cercas, seu irmão José o gestor dos seus bens e o responsável pelo dinheiro e negócios.

Numa das últimas cartas que seleccionámos, Belmira delirava, sentia-se impotente perante o seu triste destino. Estava verdadeiramente

---

<sup>20</sup> Lisboa, BNP, Reservados, E46, Cx. 2.

<sup>21</sup> Lisboa, BNP, Reservados, E46, Cx. 2.

doente, confirmaram os médicos. Os seus sonhos noturnos com o companheiro eram pesadelos reveladores do trauma da ausência e da indiferença crescente:

“Portimão, 14 de Abril de 1919

Meu querido amigo

[...] Estou tão aborrecida e triste com tudo, as nossas filhas são mazinhas, não sei que mal fiz a Deus para sofrer tanto, hoje dói-me tanto o lado do coração, parece que a toda a hora estou a morrer.

Porque é que não me escreves mais a miude e umas cartinhas [?]. Todas as noites sonho contigo que ainda me faz mais mal quer que os sonhos não são bons sempre ao emporrão e na miséria, e parece eu que estou sempre á espera duma grande desgrassa não sei dizer o que tenho nem o que adivinho [...].

Recebe um abraço muito apertado da tua amiga do coração  
Belmira”<sup>22</sup>.

A interpelação “porque é que não me escreves mais a miude e umas cartinhas[?]” tem o tom de súplica, numa espécie de *tête-à-tête*, desejando que o destinatário da carta estivesse ali, *de todo o corpo*. Mas remetente e destinatário, apartados fisicamente, não se tocariam mais no plano da escrita afetiva. Não consta que Belmira tivesse ido ao palácio de Belém após a eleição de Manuel como Presidente da República, em 1923, nem sequer subscreveu o telegrama de felicitações que suas filhas enviaram ao pai. Considerando a correspondência existente nos diferentes arquivos, parece que não se voltaram a encontrar, pois o novo presidente nunca mais se deslocou a Portimão. A demissão seguida da “fuga” definitiva, sem uma última visita a casa, sem uma despedida, sem uma carta, é reveladora do estranhamento entre os antigos amantes. Belmira era apenas a mãe de suas filhas, suas herdeiras universais.

A diferença entre eles, no que respeita à finalidade das cartas, é que Belmira escreveu sobre si na expectativa de uma resposta que acabava sempre por ser tão austera e recriminatória que transformava o seu pretenso diálogo em monólogo; ao contrário, a escrita epistolar de

---

<sup>22</sup> Lisboa, BNP, Reservados, E46, Cx. 2.

Teixeira Gomes, embora com destinatário, era egocêntrica e tinha uma finalidade literária, à exceção das cartas dirigidas ao seu amigo Afonso Lopes Vieira, sobretudo entre 1907 e 1915<sup>23</sup>.

Não escreveu sobre a sua intimidade, limitou-se a falar sobre a mesma quando o jornalista Norberto Lopes foi entrevistá-lo a Bougie, em 1939. Mas, mais uma vez, foi sobre si que falou. A fala acabou por ficar registada como discurso escrito no livro *O exilado de Bougie* que o seu interlocutor escreveu<sup>24</sup>. Nessa longa conversa entre ambos nunca pronunciou o nome da mãe de suas filhas, o que confirmou o que escrevera a seu amigo João de Barros: “Mas, perguntará o meu amigo: ‘E não teve pena de deixar a sua casa, as suas filhas, os seus livros, o seu mar, a sua paisagem?...’ Nenhuma; ou se a tive não me lembro; e como nunca me arrependi do que fiz, nem mesmo essa arrelia me pungiu se porventura alguma vez julguei que fizera asneira”<sup>25</sup>.

No dia da morte do «amigo», Belmira teria tido um presságio. Segundo os netos, ela desceu ao rés-do-chão da sua casa na Rua Direita e teria dito a Ana Rosa que sonhara que o pai morrera com as condecorações ao peito, após forte agonia tentando pedir-lhe perdão<sup>26</sup>. A sua amargura, a sua vida desfeita por um amor efémero não lhe permitiu perdoar-lhe tanto desprezo, talvez por isso se tenha recusado a participar no cortejo de trasladação dos ossos do pai das suas filhas para o cemitério de Portimão – momento muito emotivo de exaltação democrática que mobilizou centenas de populares e antifascistas de todo o país. Daí em diante Belmira, que nunca tivera outro companheiro, continuou a dedicar-se aos netos, acompanhando os filhos de Maria Manuela que foram estudar para Lisboa. Veio a morrer com a mesma idade do “amigo”, em 1967.

---

<sup>23</sup> Urbano Tavares Rodrigues; Vitor Wladimiro Ferreira (Apresentação), *O Cristal da palavra...*

<sup>24</sup> Norberto Lopes, *O exilado de Bougie*, Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1941.

<sup>25</sup> Manuela Azevedo, (Seleção, prefácio e notas), *Cartas de M. Teixeira Gomes...*, p. 84.

<sup>26</sup> José Alberto Quaresma, *Biografia: Manuel Teixeira Gomes...*, p. 477.

### **A relação afetiva com as filhas Ana Rosa e Maria Manuela**

Manuel Teixeira Gomes tinha 46 anos e Belmira contava 20 quando nasceu Ana Rosa. Aos 50 anos nasceu a segunda filha Maria Manuela, em 1910, um mês antes da revolução republicana. As filhas sempre lhe mereceram inúmeras manifestações de afeto e dedicação, sobretudo a mais velha, com quem passou mais tempo em Portimão. A correspondência assídua com Afonso Lopes Vieira é prolixa em notícias sobre as meninas. Quando Ana Rosa nasceu foi como um raio de luz na sua vida. Quando ela tinha três anos, estávamos em 1909, o seu desejo maior era garantir o seu futuro:

“Actualmente, a todas as minhas preocupações sobreleva a do futuro da minha filha – o ‘futuro’, essa contingência máxima, para ela o quero preparar como se fosse um problema positivo, matematicamente resolúvel! Pode, no entanto, falhar, o futuro da minha filha; mas eu é que não falharei na ânsia de o desmpear, de o desanuviar, de o limpar de apreensões molestas e sinto-me de aço cada vez que se torna mester empreender qualquer campanha a bem da sua felicidade”<sup>27</sup>.

Inquietava-se quando adoeciam, alegrava-se quando melhoravam:

“As minhas filhas têm andado com pouca sorte. A mais pequena teve tosse convulsa e a Ana Rosa deu uma queda e fez uma grande brecha no queixo. Se lhe quizer mandar o livro enderece-o a Ana Rosa Teixeira Gomes, Portimão”<sup>28</sup>.

“Perdoe-me se lhe não tenho escrito mas também me tocou pela porta a desgraça e ando meio doido. As minhas duas mocinhas tiveram sarampo. A mais velha pôs-se boa depressa mas a pequenina há oito dias que está em perigo de vida. E eu ando num remoinho de festas sempre à espera da má notícia e cada telegrama que

---

<sup>27</sup> Carta de Portimão, 13 de maio de 1909, Biblioteca Municipal Afonso Lopes Vieira, in Urbano Tavares Rodrigues; Vitor Wladimiro Ferreira (Apresentação), *O Cristal da palavra...*, p. 34.

<sup>28</sup> Carta de Londres, 16 de maio de 1911, in Urbano Tavares Rodrigues; Vitor Wladimiro Ferreira (Apresentação), *O Cristal da palavra...*, p. 65.

me chega é uma martelada no coração e rio e chalaceio e danço. Veja como em vez de o consolar sou eu quem me queixo!”<sup>29</sup>.

“Não me sinto agora nada disposto para a meditação; todo eu sou olhos e ouvidos atentos à vida nova que as minhas filhas trouxeram ao mundo. Que vastíssimo horizonte de gozo elas abrem à minha velhice!”<sup>30</sup>.



Figura 5 – Ana Rosa e Manuela Teixeira Gomes.  
Fotografia de Fonseca Dias<sup>31</sup>, c. 1914.

---

<sup>29</sup> Carta de Londres, 10 de junho de 1912, in Urbano Tavares Rodrigues; Vitor Wladimiro Ferreira (Apresentação), *O Cristal da palavra...*, p. 89.

<sup>30</sup> Carta de Portimão, 21 de maio de 1914, in *Ibidem*, p. 101.

<sup>31</sup> Agradeço ao meu amigo Carlos Osório a identificação do fotógrafo.

Entretanto, em 1912, comprara a D. Maria Augusta Bordalo Pinheiro um lenço para oferecer à filha do rei Jorge V, a princesa Maria, e pedira a Lopes Vieira que intercedesse junto do seu amigo Columbano para lhe arranjar “um estojo de couro, de dimensões tais que contivesse o lenço desdobrado, tendo aplicações de prata com escudos de Portugal e da Inglaterra e o monograma da princesa composto das letras VAAM”<sup>32</sup>. O presente seria para oferecer no mês de Maio. Um mês depois, parece ter desistido da prenda, mas o lenço não se perderia: “Tenho duas princesas em Portimão, muito minhas, e a qualquer delas, mais tarde, irá perfeitamente o lenço”<sup>33</sup>. De facto, confirmaria que “o lenço foi fadado para pertencer à princesa de Portimão pois que se averiguar que o protocolo não consente presentes à princesa britânica... Ainda bem. Custava-me tanto desfazer-me dele!”<sup>34</sup>. A princesa era Ana Rosa. Mais tarde, quisera encomendar, a D. Maria Augusta, dois lenços “brincos de princesa” para as suas duas filhas, mas a senhora, entretanto, falecera<sup>35</sup>.

Em 31 de outubro de 1917, Belmira relatou com detalhe o negócio dos figos, mas insistiu nos queixumes sobre a sua penúria e abandono, rematando com notícias das filhas:

“A Manuelinha felizmente está boazinha vai muito contente para a escola, eu tive carta da Anequinha diz-me que está boasinha, tiraram-me a minha companhia que ela está tão linda já me dá pro meu hombro. Todos os pais que deixam as suas filhas ou filhos avian de ser castigados.

Belmira

[Nota final com a letra da Manuela]

---

<sup>32</sup> Carta de Londres, 22 de março de 1912, in *Ibidem*, p. 80.

<sup>33</sup> Carta de Londres, 22 de abril de 1912, in *Ibidem*, p. 86.

<sup>34</sup> Carta de Gloucester Place, 28 de agosto de 1912, in *Ibidem*, p. 92.

<sup>35</sup> “Carta inédita de M. Teixeira-Gomes para Afonso Lopes Vieira”, *Revista Colóquio Letras*, Documentos, n.º 37, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1977, 52.

Meu querido pai por favor de me mandar as feiras que tenho muitas faltas a nossa Anequinha não lhe falta nada i eu também sou filha.

Maria Manuella Teixeira Gomes”<sup>36</sup>.

Aproximava-se a feira de São Martinho (que encantara Manuel Teixeira Gomes, levando-o a descrevê-la no seu livro *Carnaval Literário*, 1939) e a filha mais nova, com sete anos, corroborou as queixas da mãe, envergonhada por não se poder apresentar com a mesma elegância do amante, além de manifestar algum ciúme da Aniquinha que já frequentava o colégio em Lisboa. Pedia ao pai que, pelo menos, lhe mandasse “dar as feiras”, conforme a tradição.

Ana Rosa aprendera as primeiras letras com uma mestra, em casa. Manuelinha ia à escola com muito gosto. Logo que começaram a escrever, ainda que com letra irregular, sobretudo Ana Rosa, sempre acrescentavam às cartas da mãe frases carinhosas para o pai. Em 2 de março de 1914, Ana Rosa, com oito anos, escreveu ao pai uma cartinha muito terna com a letra que a mãe desdenhava (“Maria Manuela com 3 anos escreve melhor que a Anequinha”) e que o pai criticava:

“Meu querido paisinho. Recebi a sua carta de vinte de Abril (sic) é verdade que a letra da ultima carta não foi lá muito bonita mas o meu pai desculpa porque eu ainda sou muito pequenina. Estou muito contente e desejando que o meu paisinho venha muitos beijinhos e abraços lhe ei de dar eu e a Manolinha estamos boas. Receba muitos abraços e beijinhos da nossa Manolinha e da sua querida Ana Rosa Teixeira Gomes”<sup>37</sup>.

Em 1915, José Teixeira Gomes era advogado em Lisboa e representava o irmão não só na gestão das contas, como no acompanhamento da sobrinha mais velha que, por vontade expressa do pai, devia frequentar um colégio interno em Lisboa. A opção escolhida foi o Colégio Inglês, na Rua Rodrigo da Fonseca, n.º 17, dirigido pela sua proprietá-

---

<sup>36</sup> Lisboa, BNP, Reservados, E46, Cx. 2. Todas as cartas das filhas citadas doravante correspondem a esta cota.

<sup>37</sup> (1914), Sem Título, Fundação Mário Soares / DTE – Documentos Manuel Teixeira Gomes, Disponível HTTP: [http://hdl.handle.net/11002/fms\\_dc\\_80982](http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_80982) (2022-11-16).

ria, a pianista Madame Palmyra Rangel Baptista Mendes<sup>38</sup>. Este seria “um dos mais acreditados estabelecimentos de educação e ensino que existem na capital”, segundo o *Diário Ilustrado*<sup>39</sup>.

A sugestão de José Teixeira Gomes e do seu amigo Brito Camacho, conforme informou seu irmão em carta de 4 de setembro de 1915<sup>40</sup> foi aceite. Começaram de imediato os preparativos para o enxoval da sobrinha, “roupa muito bem arranjada, sem arrebiques, mas decente e com tudo o que lhe é necessário”<sup>41</sup>, encomendado ao Ramiro Leão e dois vestidos a D. Hersília “que gostou muito da pequena que lhe ofereceu uma grande boneca que a acompanhava para o colégio e com que está delirante” (carta de 11 de outubro de 1915). A pequena, com nove anos de idade, foi para Lisboa com o tio no dia 8 desse mês. Duas semanas depois já estava muito bem integrada, segundo José:

“Meu querido Manuel

A Anna Rosa está muito bem e já tem o seu enxoval completo. Faltam-lhe apenas as botas brancas que à última hora me pediram do colégio, que estão a fazer [...]. A pequena sente-se muito bem no colégio. Sai de 15 em 15 dias e é o António [o primo] ou eu que a vamos buscar para dar um passeio e jantar connosco [...]. A pequena é o mais simpático que é possível, sempre de bom humor, atenta a tudo e parece encantada quando está em nossa companhia. Gosto muito della. No colégio também a acham muito inteligente. A pequena quando chegou aqui e no dia em que te escreveu também escreveu à mãe. Poucos dias depois recebi um bilhete da Belmira dizendo-me que estava meio louca porque não tinha notícias da filha, nem sabia para onde escrever-lhe. Mande-lhe a direção do colégio e soube pela pequena que a mãe já lhe escreveu”<sup>42</sup>.

---

<sup>38</sup> Segundo o periódico *Brasil – Portugal*, n.º 347, de 1 de julho de 1913, Madame Rangel organizava anualmente saraus em sua casa para apresentação das suas discípulas. Disponível em <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt>.

<sup>39</sup> *Diário Ilustrado*, n.º 12818, 39.º ano, de 4 de abril de 1909. Disponível em <http://purl.pt>.

<sup>40</sup> Lisboa, Museu da Presidência da República – Arquivo Teixeira Gomes (MPR – ATG), cx. 9, doc. 82.

<sup>41</sup> Carta de 11 de outubro de 1915. Lisboa, MPR – ATG, cx. 9, doc. 26.

<sup>42</sup> Lisboa, MPR – ATG, cx. 12, doc. 26.

As propinas eram caras, mas o pai, como prometera, zelava pelo futuro da menina: 63.500 réis só para os meses de outubro, novembro e dezembro, incluindo o tratamento da roupa. O pai já escrevera à diretora, mas José sugeriu que lhe escrevesse novamente indicando a orientação que pretendia para a filha no que respeitava à educação literária e moral. Nesse ano, passou o Natal em casa do tio, embora a mãe insistisse para que fosse para Portimão.

Em carta de Janeiro de 1916, escreveu ao pai manifestando a alegria com que recebeu o anjinho que ele lhe mandara. Já começara a aprender piano, inglês e francês: “Já vou dizendo algumas coisas em inglês e em francês e se assim não for, passam-me uma fita azul para o pescoço que é um castigo para quem fala português [...]. Uns dias fala-se em francês e outro em inglês”.

Desconhecemos o teor das cartas do pai, mas deduz-se que eram muito exigentes em relação ao estudo o que lhe causava algum desconforto porque não queria dececionar o pai. Vejamos:

“Lisboa, 4 de Fevereiro de 1916

Meu querido Paisinho

Como é que está o meu querido Paizinho? Eu felizmente estou boa.

O Paisinho deseja que eu escreva as cartas sem ninguém me ensinar, eu ainda não sei bastante para isso. Recebi as suas cartas que muito gostei e vou guardá-las com muito cuidado. A minha professora também está descontente com a minha caligrafia, este mês fui uma das ultimas da classe por ser pouco apurada nos meus deveres, mas eu vou fazer o possível para me aperfeiçoar.

Receba muitos beijos da sua querida filhinha muito dedicada que lhe pede a bênção. Ana Gomes”.

É muito provável que a mestra contratada por Belmira em Portimão não fosse muito competente e há ainda que considerar que esta menina escreveu esta carta, com 10 anos de idade e quatro meses de colégio.

Em 4 de junho de 1916, Ana escreveu ao pai, tão ausente quanto onnipresente, com uma caligrafia muito certinha: “Meu querido Paisinho [...] Cada vez gosto mais do Colégio. Eu já posso ir à missa? No próximo domingo é a 1ª comunhão de 8 meninas aqui do Colégio, eu gostava de ir ver, mas não me deixam sem o seu consentimento”. O tema principal desta pequena carta é a missa. É provável que Teixeira

Gomes tivesse dado orientações claras sobre a educação laica da filha, já que era anticlerical. Motivo pelo qual suas filhas foram deserdadas por sua irmã Maria da Glória que faleceu quando ele já abandonara o país e a família. Mas é natural que a menina sentisse atração pela cerimónia da primeira comunhão e que não quisesse sentir-se marginalizada pelo grupo das colegas católicas.

Não nos surpreende a alegria de Aniquinha. Viver no colégio e passar fins de semana e férias em casa dos tios, cultos e abastados, amada por ser tão gentil, longe da penúria, dos queixumes e das enxaquecas da mãe, era uma vida admirável. Levavam-na a passear ao Aquário Vasco da Gama, em Algés, onde viu «muitos peixinhos, tartarugas e outros que não me recorda o nome», visitou o Jardim Zoológico com o tio e o primo, passeava pelos parques da cidade. Quando foi chamado a Lisboa por Sidónio Pais, em 1918, seu pai aproveitou para passar algum tempo com a filha antes de ir a Portimão. Ia buscá-la ao colégio, almoçava ou jantava com ela, passearam juntos pelos lugares mais interessantes de Lisboa, parques e museus.

Ana Rosa não teve muito sucesso nos estudos, como ela própria confessaria mais tarde. Ou seja, o futuro brilhante que o pai desejava não se concretizou. Maria Manuela também foi estudar para o colégio onde se encontrava a irmã e as filhas do Dr. Corte Real. Ainda lá estavam em 1923.

Antes de embarcar no *Zeus* a caminho de Orão, em resposta a um jornalista do *Diário de Lisboa*, disse que Ana Rosa o acompanhara numa viagem a Tlemcen, igualmente na atual Argélia<sup>43</sup>. Sabemos que ambos, na infância de Ana, davam longos passeios na quinta dos Três Bicos e na praia, mas não há provas de terem viajado juntos ao estrangeiro. O mesmo jornal, no dia da renúncia à Presidência da República, publicara, na primeira página, um texto sobre a sua vida presidencial, referindo também a relação que mantinha com as filhas: “Como se sabe, o sr. Teixeira Gomes tem duas filhas, uma Ana Rosa, de 17 anos, outra Maria Manuela, de 15 anos, que vivem em Portimão, e todas as semanas, duas vezes, almoçam em Belém. Por estas duas filhas tem o Sr. Teixeira Gomes uma adoração paternal, que é toda a preocupação da sua alma”<sup>44</sup>.

---

<sup>43</sup> *Diário de Lisboa*, n.º 1441, Ano 5, Quinta, 17 de Dezembro de 1925, Fundação Mário Soares / DRR – Documentos Ruella Ramos, Disponível HTTP: [http://hdl.handle.net/11002/fms\\_dc\\_31493](http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_31493) (2022-11-13).

<sup>44</sup> *Diário de Lisboa*, n.º 1436, Ano 5, Sexta, 11 de Dezembro de 1925, Fundação

Há aqui alguma incorreção, pois as filhas só almoçavam em Belém quando se encontravam a estudar no colégio em Lisboa. Estavam em Portimão com a mãe quando Teixeira Gomes renunciou ao cargo e, embora Ana Rosa tenha pedido ao pai que deixasse a presidência e viesse viver para Portimão, ele nem sequer informou a família da sua partida.

Com o exílio de Manuel inicia-se uma nova fase na relação epistolar entre pai e filhas. Por vezes Belmira anotava algo no final das cartas das filhas, mas só nos primeiros tempos. Nesta fase há dois episódios e três cartas que vale a pena analisar. Em 1925, Teixeira Gomes ordenou ao sobrinho António, gestor dos seus bens por morte do pai (em setembro de 1925), a entrega mensal de 200 escudos a suas filhas. No ano seguinte, na carta que enviou ao tio em 20 de setembro, a propósito da dificuldade em vender as propriedades por um preço justo, e cansado de uma gestão tão complicada dos seus bens, António foi bastante contundente:

“De resto, desculpe que lhe diga, não percebo a sua relutância em vir aqui pois todos os seus amigos o receberiam de braços abertos, e no caso de não querer ficar na villa a minha modesta casa está às suas ordens e creia que a amizade e a boa vontade, com que tanto minha mulher como eu o receberíamos supriria, pelo menos em parte, o conforto que lhe pudesse faltar.

Falta-me o meu Pae para com a autoridade de irmão e pessoa inteligente que era, lhe dizer aquillo que eu penso e que receio ofende-lo dizendo. As suas filhas estão duas mulheres em toda a acepção da palavra e, coitadas, devem sentir-se moralmente abandonadas pelo Pae. Sempre lhe digo que pela sua inteligência, pela sua educação, pela sua situação, não tem o direito de desertar, abandonando-as depois de as ter reconhecido e levado para a sociedade enquanto ocupou o cargo mais elevado a que um homem pode aspirar.

No que acima lhe digo, vejo razão bastante para que faça o sacrificio d’uma vinda aqui, mas a reforça-la ainda tem a sua má situação financeira e com a sua presença bem diferente será a liquidação das suas propriedades”<sup>45</sup>.

---

Mário Soares / DRR – Documentos Ruella Ramos, Disponível HTTP: [http://hdl.handle.net/11002/fms\\_dc\\_31473](http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_31473) (2022-11-13).

<sup>45</sup> Lisboa, BNP, Reservados, E 46, Cx. 3.

De facto, Teixeira Gomes não tinha o direito de desertar. Só o seu egocentrismo e desprendimento da família justificaria uma fuga definitiva. Respondeu de Florença, mas não conseguimos decifrar a sua caligrafia tortuosa que traduziria uma grande perturbação provocada pelo desafio do sobrinho.

Alarmado com as despesas em Portimão, na carta de 21 de outubro de 1926, António comentou que o dinheiro destinado à administração era gasto pelos parentes de Belmira, “todos batoteiros, sem que as fazendas nada vejam”<sup>46</sup>. Propôs, então, ao tio “desfazer no espírito das suas filhas a ideia da sua grande riqueza; alívio de meçadas que representam um encargo de 600\$00 mensais; a família da mãe não dizer que abandona as propriedades com o prejuízo das suas filhas, privando-as do rendimento que podiam ter”<sup>47</sup>. Seria verdade? A correspondência com as filhas continuou regular, embora Manuel escrevesse apenas postais algo lacónicos, cheios de coisa nenhuma.

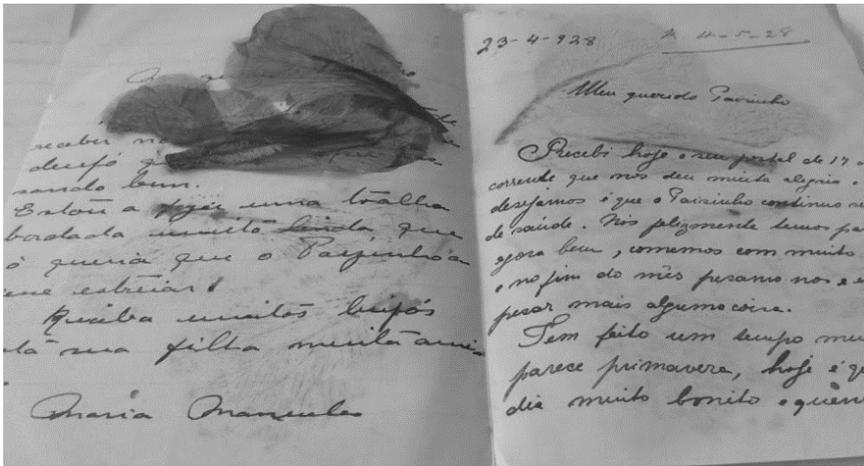


Figura 6 – Cartas de Maria Manuela e Ana Rosa a seu pai.  
Portimão, 23 de abril de 1928.

Em Abril de 1929, a filha mais nova, de 19 anos, casou com José Pearce de Azevedo. Ana Rosa tinha 23 anos e continuava solteira. No ano anterior informou o pai que estava a bordar “uma toalha muito

<sup>46</sup> Lisboa, BNP, Reservados, E 46, Cx. 3.

<sup>47</sup> Lisboa, BNP, Reservados, E 46, Cx. 2.

linda, que só queria que o Paizinho a viesse estriar”. Na mesma carta, Ana Rosa escreveu que estavam a comer muito bem e esperava que no final do mês já pesassem “mais alguma coisa”.

A ausência do pai ensombrou a festa de casamento. Eis o relato de Ana Rosa na carta enviada ao pai, para a posta restante de Tunís, em 26 de abril de 1929:

“Meu querido paisinho

No sábado foi o casamento da Maria Manuela. Na sexta feira casou-se no registo e no sábado à 1 hora na igreja. Não fizemos convites, foram só as pessoas indispensáveis. A mãe do noivo, irmã e marido o primo dêle e mulher que foram os padrinhos dêle, fui eu a mãezinha e os padrinhos da Manuela que foram o coronel Penha Coutinho e a mulher, o copo d’água foi aqui em casa e os noivos foram jantar à noite a casa da mãe dele e nós jantámos aqui em casa com os padrinhos. A Manuela teve prendas muito bonitas, o padrinho ofereceu-lhe uma linda pulseira em platina com brilhantes e um alfinete de granada com brilhantes e rubis ao noivo, tiveram muita coisa em prata, o primo António ofereceu uma manteigueira em prata e cristal.

No dia seguinte os noivos jantaram connosco, e eles teem vindo todos os dias a cidade, hoje é que não vieram pela primeira vez, almoçaram e jantaram na casa deles.

A Maria Manuela fez uma linda noiva tão linda tão linda que não calcula; muita gente quando a viu de braço dado com o padrinho julgaram que era o paisinho que tinha vindo, foi a única nota triste no casamento, a falta da principal pessoa. Depois do casamento tiraram os dois o retrato para mandar ao Paisinho. Estou muito contente da Manuela ter casado e só peço a Deus que a faça feliz que ela bem merece”<sup>48</sup>.

Teixeira Gomes recusou regressar ao seu país. Em 1929, o Estado Novo ainda não se havia afirmado, embora se vivesse em ditadura militar, tal como o ex-presidente recebera. Reconquistada a liberdade, como ele escreveu a seu amigo João de Barros, após 15 anos de vida política pouco gratificante, apesar do seu empenho e dedicação, nem o

---

<sup>48</sup> Lisboa, BNP, Reservados, E46, Cx. 2.

casamento das filhas o demoveu. Ana Rosa, apesar de tudo, continuava a respeitá-lo e a amá-lo como pai. Na simbólica festa familiar faltara a principal pessoa que nessa altura andava em viagem pela Tunísia. Mais tarde, Manuela enviou ao pai o retrato dos noivos e agradeceu os 500.000 réis que o primo António lhe entregou em seu nome:

“Praia da Rocha 13-5-929

Meu querido Paizinho

Cumpre-me o dever de participar o meu casamento que se realizou no dia vinte do mez passado, espero que esta minha participação o vá encontrar na melhor das saúdes.

Não lhe escrevi mais sedo como era meu desejo por estar esperando o nosso retrato de casamento que em correio separado devidamente registado o envio.

Do primo António recebi a quantia de 5.000\$00 por ordem do Paizinho que muito reconhecidamente lhe agradeço.

O primo António deu a entender a meu marido que o paizinho desejava que êle fosse ver as fazendas, contamos ir dentro em breves dias.

Queria perguntar ao Paizinho se he agradaria uma visita nossa, que talvez possa ser em principio do ano que vem, isto se o Paizinho não viesse cá primeiro passar connosco uns tempos na Praia da Rocha aonde vivemos e aonde teríamos o maior prazer em vê-lo.

Se o Paizinho escrever, como aqui ainda não há correio pois somente há no verão pode mandar para a direção do meu marido que é José Pearce d’Azevedo, Portimão, não é preciso por mais nada pois êle é uma pessoa muito conhecida em Portimão.

Apresento-lhe os mais respeitosos cumprimentos do meu marido, e o Paizinho receba um grande abraço d’esta sua filha muito sua amiga.

Maria Manuela”<sup>49</sup>.

Foi em vão o subtil pedido de Manuela para um encontro quatro anos após a partida do pai. Manuela casara bem, seus filhos teriam o futuro que o avô desejara para as filhas. A irmã casada, o pai ausente, o

---

<sup>49</sup> Lisboa, BNP, Reservados, E46, Cx. 2.

dinheiro escasso, Ana Rosa ainda dependente da autoridade paterna. A mãe não manda nada, a mãe não tem nada, os avós maternos vivem na penúria. Anseia por uma nova vida. O favor que pede ao pai, embora seja de maioridade, é revelador da sua insegurança, mas também da resiliência que sempre demonstrara:

“Hagora venho pedir um favor ao paisinho, que desde o ano passado estou para pedir; mas primeiro deixei passar o casamento, e desejava que o Paisinho me desse licença para ir passar algum tempo a Lisboa, sinto-me bastante cansada da vida que tenho levado já há quatro anos e tanto o meu espírito como o meu físico, precisava duma mudança que me distraia e me faça bem. Não é porque eu me queira divertir, pois se o Paisinho me der licença para eu ir eu não ia para casa de ninguém porque não quero incomodar ninguém, mas ia para o colégio, é verdade que a não ser a directora tanto as professoras como as alunas minhas companheiras já lá não estão nenhuma, mas eu gostava bastante de ir para lá, é com profundas saudades que me lembro dos anos que lá passei e nem o Paisinho imagina a alegria que eu teria se pudesse tornar a ver a minha directora e a casa onde eu passei dois anos de felicidade.

Nunca mais falei francês nem inglês, se não fosse a minha força de vontade, teria sido inútil o que aprendi, mais alguns anos assim e serei uma verdadeira bruta. Já vou fazer 23 anos, preciso de alguma liberdade de me desembaraçar de me tornar uma mulher e não uma eterna criança... Se eu tivesse escutado bem os conselhos do Paisinho hoje eu já não estava assim, mas quando se tem 17 anos não se compreende bem a vida. Hoje o meu maior desejo era ser muito instruída e ter aptidões para uma colocação que não me fizesse temer o futuro, mas se Deus quizer ainda o hei-de conseguir, se nós nos habituássemos a ser razoáveis e educássemos o nosso temperamento a vida seria muito mais fácil e não sofreríamos tanto. É a primeira vez que desabafo abertamente com o Paisinho espero que não levará a mal e que me conceda o que eu com tanto empenho lhe peço [...].

Desejo que o Paisinho esteja de saúde. Saudades da Maria Manuela e o Paisinho receba um grande abraço da sua filha muito amiga, Anna Rosa”<sup>50</sup>.

---

<sup>50</sup> Lisboa, BNP, Reservados, E46, Cx. 2.

Ana Rosa queria regressar ao espaço onde fora feliz para recuperar o tempo perdido e construir um futuro como mulher. Ambicionava instruir-se, como sempre fora vontade do pai. Não o conseguiu. Em Lisboa não havia lugar para ela. Regressou a casa, passou a interessar-se pela gestão das propriedades, agora a cargo do marido de Manuela. O pai não gostou e respondeu-lhe: “não te venho pedir explicações sobre o que motivou o teu acto de loucura; faço apenas votos para que ele não se repita, dessa ou doutra forma, causando irremediável desgraça. Teu pai do coração, Manuel”<sup>51</sup>.

Ana Rosa casou, alguns anos mais tarde, com Manuel José de Rodes Sérgio Callapez. Após a lua de mel em Lisboa, foram viver para Monchique durante alguns anos. Tiveram uma filha, a Manelinha como lhe chamou o avô num postal de 1939. É a única neta sobrevivente que nos vai contando as poucas histórias que sua mãe Ana Rosa e a sua avó Belmira resgataram da memória do avô.

Concluindo esta incursão no espaço privado da rede afetiva de Manuel Teixeira Gomes, Belmira das Neves, Ana Rosa e Maria Manuela, cremos ter ficado claro não só a inexistência de elos de “afinidades, de reciprocidade ou de total abandono em confiança ilimitada”<sup>52</sup>, mas também a ausência que ensombrou estas relações afetivas. Belmira e Manuel viveram um período de enamoramento enquanto estiveram juntos em Portimão. As visitas esporádicas de Manuel, durante 15 anos de vida política, esfriaram a relação amorosa dando lugar ao ressentimento de Belmira e à indiferença de Manuel. Ana Rosa ainda desfrutou da companhia e do carinho do pai até aos cinco anos de idade, Maria Manuela já cresceu com a ausência do pai. Embora durante o curto período da presidência (1923-1925) visitassem semanalmente o pai em Belém, após a sua partida abrupta de Portugal nunca mais se encontraram. Daí em diante o pai não passava de um fantasma que, do exílio, se ia inteirando das suas vidas por cartas afetuosas às quais ele respondia

---

<sup>51</sup> Lisboa, BNP, Reservados, E46, Cx. 2.

<sup>52</sup> Esta correspondência epistolar nada tem de comum com a de Jorge de Sena e sua mulher Mécia porque se trata de uma rede afetiva desigual. Ver, como contraponto a este estudo, Maria Otilia Pereira Lage, “Redes Sociais e epistolografia: correspondência entre Jorge de Sena e Mécia de Sena (século XX)”, CEM – *Cultura, Espaço & Memória*, n.º 8, CITCEM, 2017. Disponível em <https://ojs.letras.up.pt/index.php/CITCEM/article/view/4687/4375>.

laconicamente. A vida destas mulheres, marcada pela saudade, pelos queixumes, pelo temor da perda do afeto da figura paternal, por um estado de desconforto material, revela-se nas inúmeras cartas que escreveram e cuja resposta só em parte conhecemos, embora se adivinhe o seu conteúdo. Como afirmou Barrio Angulo, as palavras revelam mais da natureza de uma pessoa do que a fala. Deixamos, pois, ao leitor, o exercício de reconstituição da personalidade dos escreventes que constituem a essência deste estudo.

No passado, cartas e bilhetes funcionavam como uma maneira de conversar à distância. Eram os meios de comunicação privilegiados para transmitir informação. A correspondência revela-se fundamental para o estudo de temas como alimentação, vestuário, habitação, hábitos de leitura, momentos de lazer, de entre outros. Por outro lado, nela se encontra a articulação entre a escrita particular e as emoções em momentos de alegria ou tristeza. Neste livro, privilegiaram-se conjuntos epistolares coerentes oriundos de pessoas de vários grupos sociais, dando origem a estudos de caso.

---

“Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projeto UIDB/00057/2020”

<https://doi.org/10.54499/UIDB/00057/2020>

"This work is funded by national funds through the Foundation for Science and Technology, under the project UIDB/00057/2020

